

# Oficina de Costura. Que sustentabilidade(s)?

Lisandra Rodrigues



Oficina de Costura, Associação Santa Teresa de Jesus – Dignidade e Desenvolvimento

Num mundo com tanta tendência para o descartável, o passageiro e o consumo imediato, serão ainda possíveis atitudes contracorrente? A Associação Santa Teresa de Jesus – Dignidade e Desenvolvimento, propôs-se desenvolver no bairro Quinta Fonsecas e Calçada, em Lisboa, numa lógica de intervenção comunitária, uma Oficina de Costura, numa lógica de intervenção comunitária assente em três pilares essenciais: a sustentabilidade ambiental, a sustentabilidade económica e a sustentabilidade social.

O ambiente sofre devido ao nosso modelo de consumo. Assumindo que a indústria têxtil é das mais poluentes, o desafio, a nível local, foi diminuir ao máximo esse impacto, criando alternativas para o uso das matérias-primas e dos produtos excedentes. Assim, dedicamo-nos a reciclar roupa usada, tecidos acumulados pela indústria e outros produtos têxteis, aos quais, com alguma criatividade, damos uma segunda vida e múltipla utilidade. Transformamos calças de ganga em aventais, de vestidos fazemos mochilas e de cortinados lancheiras – damos nova vida ao que aparentemente já não servia, para que, com outra forma, outro tamanho e feitio, volte a servir novos utilizadores, tanto particulares como empresas.

O modelo de compra, venda, uso e descarte precisa de alternativas e, aí, a economia circular, aliada à economia solidária e à economia local, faz todo o sentido. É uma opção exigente, mas cada vez mais aceite e procurada. Há que escolher produtos que 1) percorrem o circuito da redução, reutilização, recuperação e reciclagem dos seus materiais; 2) respeitam os princípios da economia solidária ao promover a autogestão, o sentido democrático nas decisões, a cooperação entre os envolvidos ou a justiça na compra e venda; 3) promovem a responsabilidade ambiental ao incentivar a produção e consumo local, diminuindo o impacto no território e na natureza. Esta é uma opção consciente, para que a economia dominante seja contrariada a favor do bem comum. Na verdade, o consumidor detém poder através da sua exigência nos consumos que faz, tal como preferindo produtores locais e não apenas vendedores locais. Tão importante como saber consumir é saber usar, com responsabilidade e sentido crítico.

As pessoas são parte fundamental de uma ecologia integral. Este processo não teria o mesmo alcance se não se centrasse na valorização das pessoas que dele beneficiam e dele fazem parte, dando-lhe maior sentido. De facto, as pessoas na Oficina de Costura participam a diferentes níveis: identificando as necessidades, em pequenas decisões, apontando caminhos e soluções, melhorando conhecimentos e apercebendo-se das evoluções necessárias, criando pontes com e na comunidade, como elementos ativos e não apenas beneficiários do processo. Esta dinâmica possibilita, assim, capacitação, inclusão, desenvolvimento e protagonismo dos mais vulneráveis no seio da sua comunidade, com ela e por ela.

Todos estamos interligados numa casa comum, nomeadamente, através da relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Muitas vezes olhamos para o meio ambiente por si só, esquecendo que as pessoas também o influenciam e são influenciadas por ele – daí a necessidade de reconexão com a natureza. A exigência ética de preferência e acompanhamento dos mais pobres e excluídos levará naturalmente a trocar a cultura corrente do descarte, inclusive de pessoas, pela atitude de reparação e de cuidado como primeira opção. A máxima “pensar global, agir local” alerta, de forma muito atual, para o impacto da representatividade na vida das pessoas. Em que território vivo e que significado ele tem para mim e para os outros? Esta questão pode determinar o nível de valorização e investimento feito no mesmo e nos seus moradores, criando ou destruindo. Dependerá de nós e das nossas opções.